

# O Pólo de Cinema

O Distrito Federal deu, nesta semana, os primeiros passos para a concretização do Pólo de Cinema e Vídeo local, com uma solenidade na qual foram assinados três documentos criando o Programa de Desenvolvimento do próprio Pólo, instituindo o Conselho Diretor do Programa e estabelecendo a cooperação entre o GDF e os serviços de ensino da Indústria e do Comércio com o objetivo de formar profissionais especializados no setor.

As declarações das autoridades e dos artistas que participaram do evento tiveram, entre outras características e méritos, o de transmitir a impressão e a esperança de que com o Pólo inicia-se uma relação mais madura entre o poder público e os produtores culturais que aquela do passado, marcada pela suspeição mútua, quando não franca hostilidade em que uma parte procurava obter dividendos políticos e a outra estava essencialmente interessada em verbas para seus projetos.

É estranho — mas perfeitamente compreensível quando se analisa a questão mais detidamente — que o Brasil tenha visto a produção cultural florescer em certas modalidades, inclusive em áreas sofisticadas como a televisão, mas assistiu ao fracasso de várias tentativas de consolidar sua indústria cinematográfica, coisa que outros países (como a Índia) conseguiram. É certo que faltou o apoio do Estado, mesmo quando este apoio não significava aplicar recursos escassos. Mas é certo também que faltou profissionalismo ao meio artístico. A produção de vídeo, menos onerosa que a cinematográfica, desenvolveu-se intensa-

mente nos últimos anos. Em sua trajetória tornou-se claro que, para sobreviver no ramo, as empresas que se constituíram em grande número tiveram que aliar capacidade técnico-artística a profissionalismo gerencial.

O Distrito Federal necessita, como se sabe, diversificar sua vida econômica. A produção de cinema e vídeo é uma atividade que se adequa notavelmente às características locais e deve, por isso, receber o respaldo do Governo e da comunidade. Como, ao que tudo indica, não existem capitais públicos ou privados disponíveis para investimentos em infraestrutura, seria um equívoco sonhar com a implantação de grandes estúdios, de uma verdadeira “cinecittá do cerrado”.

Outro equívoco que levaria ao fracasso o esforço que agora se faz seria o de condicionar o programa à tão ambígua quanto falaciosa alternativa entre o “comercial” e o “artístico”. Mais uma vez, a experiência das produtoras de vídeo nacionais, muitas das quais de Brasília, demonstra que o cinema e o vídeo são, hoje, uma indústria que só subsiste atuando na produção artística ou comercial, na medida em que estabelece uma relação adequada com o mercado e se mostra capaz de atrair e administrar capitais que também se orientam pela lógica de mercado. O mérito e o potencial do programa de desenvolvimento do Pólo de Cinema e Vídeo do DF consiste precisamente em enfocar a questão de maneira realista ao orientar as ações previstas no programa para a alocação dos recursos financeiros técnicos e humanos, de forma a criar no Distrito Federal um mercado de cinema e vídeo.